

@invenções\_do\_eu

[www.instagram.com/invencoes\\_do\\_eu](http://www.instagram.com/invencoes_do_eu)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE ARTES  
CURSO DE ARTES VISUAIS

LUANA OLIVEIRA DA SILVA

@invenções\_do\_eu

UBERLÂNDIA - MG  
2017

LUANA OLIVEIRA DA SILVA

@invenções\_do\_eu

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
à Área de Artes Visuais do Instituto de Artes  
da Universidade Federal de Uberlândia, como  
requisito à obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto de Lima Bueno.

UBERLÂNDIA - MG  
2017

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Paulo Roberto de Lima Bueno – Orientador

---

Prof. Dr. Marco Antônio Pasqualini de Andrade

---

Prof. Dr. Paulo Mattos Angerami

Data de aprovação: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.



“Ela não anda, ela desfila  
Ela é top, capa de revista  
É a mais mais, ela arrasa no look  
Tira foto no espelho pra postar no facebook.”

Ela é Top - Mc Bola

Começo com a citação de um *funk* carioca, “Ela é Top”, do MC Bola, para tentar exemplificar e introduzir o mundo das relações sociais nas redes. Partindo desse trecho do *funk* presente nas pistas brasileiras desde 2016, que descreve o estereótipo de uma garota carioca, de formas, gestuais e vestuário sensual, que chama a atenção por onde passa e registra todos os seus provocantes trajes em fotos e em seguida posta na rede social *Facebook*. Essa é uma das imagens fotográficas corriqueiras nas plataformas virtuais, pra quem usa ou acompanha os aplicativos, como o *Facebook* ou *Instagram*. Uma avalanche de imagens diárias de *selfies*, pratos de comida, *look* do dia, a espetacularização da intimidade.

As imagens reproduzidas nos aplicativos são representações da vida cotidiana. No entanto, por sua possibilidade de conhecimento imediato e instantâneo, costumamos tomar as imagens como o real. A realidade por nós espectadores percebida também é um imaginário, afinal de contas tudo o que é visto e assimilado por nós, nosso cérebro refaz e interpreta com base em nossas vivências e bagagens de vida. Penso que toda realidade é uma construção social recortada pelo trajeto individual.

As imagens nas mídias estão diretamente relacionadas com a construção de uma identidade de um sujeito no cenário contemporâneo. Hoje a identidade tornou-se mais móvel, múltipla e sujeita a mudanças, inovações, recebendo influências das imagens em circulação na internet. Na era do consumo, o sujeito tem sido cada vez

mais vinculado à produção de uma imagem – a aparência vem ganhando mais e mais valorização. A mídia tem grande poder nos dias atuais, insinuando que quem quiser “aparecer”, transformar-se em novo, ter sucesso, deverá dar atenção à imagem, à aparência, à estética. A dependência das imagens publicitárias provoca no indivíduo uma necessidade de construir um personagem - narrativas de identidade que no fundo não são coerentes com o seu eu real.

Essa crença no real sustenta a impressão das pessoas de que, ao usarem imagens, mesmo sabendo o quanto foram manipuladas por outros ou pelo próprio sujeito, essas imagens são verdadeiramente reais. E assim, cada vez mais são produzidas imagens espetaculares e estereotipadas para dizer algo de uma identidade, de uma intimidade. Hoje gastamos muito tempo na produção e formatação de nossas imagens, na utilização de inúmeros aplicativos. A necessidade de “aparecer”, característica da sociedade atual, é um deslocamento de dentro para olhar o que vem de fora, que passa a se estruturar em torno do aspecto corpóreo.

Neste novo contexto, o aspecto corporal assume um valor fundamental: mais que um suporte para hospedar um tesouro interior que deveria ser auscultado por meio de complexas práticas introspectivas, o corpo se torna uma espécie de objeto de design. Há que exibir na pele a personalidade de cada um, e esta exposição deve respeitar certos requisitos. As telas – do computador, da televisão, do celular, da câmera fotográfica ou do que quer que seja – expandem o campo de visibilidade, esse espaço onde cada um se pode construir como uma subjetividade alterdirigida. A profusão de telas multiplica ao infinito as possibilidades de exibir-se ante os olhares alheios para, desse modo, tornar-se um EU visível. (SIBILA, 2016).

Com várias questões na cabeça e com vontade de criar um trabalho sensível no mundo virtual, no qual também faço parte, elejo o aplicativo *Instagram* como ferramenta para expressar as imagens de um eu inventado, sem espetáculo e sem filtros, utilizando frases que descrevem fotografias imaginárias, dando ao espectador a possibilidade de recriar essas imagens. Vou na contra mão da construção do aplicativo, em que a imagem é de extrema importância para a interação e relações entre os usuários, substituindo-as por apenas descrições, expondo o meu interesse no comportamento social dentro do aplicativo, como inventamos uma narrativa da nossa vida, com recortes da intimidade, através das fotografias postadas inventando um eu ou vários eus.

## SUMÁRIO

EU, INTERNET E AS MÍDIAS .....	10
EU E O INSTAGRAM .....	16
@invenções_do_eu .....	20
EU E OUTRO(A)S ARTISTAS .....	29
Rosângela Rennó .....	29
Joseph Kosuth .....	32
Cindy Sherman .....	34
EU, PENSAMENTOS E REFLEXÕES .....	45
POSTAGENS DO PERFIL @invenções_do_eu .....	50
GLOSSÁRIO .....	66
EU E AS LEITURAS .....	73

EU, INTERNET E AS MÍDIAS

Lembro do meu primeiro contato com o mundo virtual com a chegada da *internet*, tudo tão fantástico e tecnológico. O som da *internet* discada, o tempo da espera para poder conectar com pessoas e ter acesso a lugares inalcançáveis, salas virtuais de bate-papo, *blogs* e muita informação. Eu sempre ali de espectadora da vida que não era minha. Para logar em uma sala virtual de bate-papo, nunca usava meu nome, tinha medo, usava pseudônimos, apelidos às vezes engraçados. Sem identificação podia ser quem eu quisesse ser, um eu inventado, sem a localização podia ser de qualquer lugar, usar roupas que não tinha e o cabelo, vários. Trocas de fotos? Nunca. Pois não queria me expor a tal ponto, gostava do oculto e das possibilidades de ser outra, mas também tive conversas francas e de muito afeto, porque também tinha a Luana ali.

Quantas possibilidades essa tal de *internet* proporciona, *e-mail*, banco de imagens, notícias em tempo real, *blogs* com diários poéticos interessantíssimos outros nem tanto, *Wikipédia*, *Google*, *Youtube*, *Orkut*, *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Snapchat*, *Tinder*, e por aí vai. Tem aplicativo para tudo e quase todas as soluções para a sua vida. Possibilidades infinitas de informação, formação, interação, exposição e relacionamento. Um grande espetáculo de tecnologia na vida contemporânea. Há quem diga que o mundo virtual é o mal do século XXI, mas o meu questionamento aqui não é se isso tudo é necessário mesmo, se deveríamos abdicar das facilidades que a *internet* nos proporciona ou de julgar quem e como usar esses facilitadores de comunicação. A minha posição é de observadora.

Não há como negar que as mídias sociais estão mudando o modo como interagimos. E essa mudança creio eu, se dá em relação ao número de pessoas com as quais temos contato. São quase dois bilhões e meio de pessoas usando a *internet* ao redor do mundo. No passado, estávamos limitados às relações apenas com pessoas que conhecíamos pessoalmente, hoje é possível nos relacionarmos com as mais diversas pessoas do mundo todo. Ideias antes concentradas em pequenos grupos, agora são divulgadas com grande facilidade, uma vez que redes como o *Facebook* e o *Twitter* dão aos cidadãos um megafone capaz de ser ouvido por toda parte, e quando grandes grupos de usuários se unem por uma causa comum, podem influenciar grandes mudanças.

Fui participando desse avanço todo da comunicação, usei *Orkut*, uso *Facebook* e *Instagram*, não me adaptei ao *Twitter* e nem ao *Tinder*. Todas as experiências são válidas, sigo o fluxo, confesso que gosto de ver o outro, mas ser visto também é bom. É estranho esse sentimento para mim, mas ele existe, o preenchimento do ego quando se ganham várias curtidas numa foto que postou, seguidores no seu perfil ou o *match* de alguém. Ser visto, ser aceito. E nesse “jogo” de ego vale tudo ou quase tudo. Foto no espelho, no barzinho com as amigas, fazendo *yoga*, *self*, meditando, com o gato, cachoeira, academia, aula, cama, *selfie*, cidade, miudezas dos dias, o grafite, mais *selfie*, eu, eu, eu, eu e todos nós.

Guy Debord (1997), em sua obra “*A sociedade do espetáculo*” usa a expressão



“espetacularização do eu”, para apontar que no século XX se iniciava um período de super exposição dos seres humanos: suas histórias e suas vivências. Com o uso da internet, essa espetacularização ganha contornos mais nítidos. Elementos espetacularizados, como a exposição das pessoas na cena televisiva, podem ser percebidos no cotidiano do jornalismo. Sobre as imagens Guy Debord, mostra que na sua concepção o espetáculo está presente em toda a sociedade: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação” (DEBORD, 1997).

Na opinião do autor, a teatralidade e a representação tomaram totalmente a sociedade. Para ele, o natural e o autêntico se tornaram ilusão. Ao definir o espetáculo, Debord demonstra que, na sua concepção, as relações entre as pessoas não são autênticas, elas são de aparência. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997).

O espetáculo, segundo o pensamento debordiano, tem sua estrutura baseada na aparência, mostrando somente “o que é bom”, que carece ser contemplado e o que vai despertar desejos de consumo no espectador. Criamos imagens para reafirmar o eu, ser visto, ser vendido como espetáculo, usando códigos da mídia, para se mostrar como bonito, talentoso, uma autopromoção, para mostrar a nossa intimidade selecionada, como vivemos, como queremos ser vistos, de modo que o

olhar do outro como julgamento se torna muito importante. Trate-se da imagem que construímos de nós mesmos para ser exibida e aprovada.

O *Show do Eu – A intimidade como espetáculo* (2016), livro da antropóloga argentina Paula Sibilia, analisa o fenômeno de visibilidade e transformação da vida privada vivenciada pela sociedade contemporânea. A obra consiste em um ensaio que faz uma retrospectiva histórica por meio de paralelos a partir dos contextos vivenciados no século XX e situações atuais, com o objetivo de clarificar aspectos que permeiam nosso cotidiano e podem auxiliar a contextualizar tais transformações da vida contemporânea.

O fenômeno de espetacularização da sociedade é destacado no livro a partir da introdução das novas mídias, sobretudo as digitais, no cotidiano da população. A “democratização” dos meios acontece devido à superação do modelo de comunicação em que havia um emissor para vários receptores, na atualidade as mídias permitem a comunicação de todos para todos.

Gosto da leitura com a Paula Sibilia, pois flui. Ela me inspira a pensar mais e questionar a minha vivência dentro da rede. Reflito sobre como eu Luana me coloco nesse meio, vivenciando e inventando um eu, o espetáculo da minha vida, que nem é tão espetaculosa, mas que, para quem vê, assiste ou aprova, pode ser de alguma maneira relevante, assim como eu, espectadora, vejo o outro de forma relevante e às

vezes inspiradora. A autora usa o termo “espetacularização” para dizer sobre exposição em que nos colocamos na rede. Desde os primórdios do *blog*, onde a escrita que ficava guardada nos diários com cadeados, é aberta para milhares de pessoas na *internet*.

EU E O INSTAGRAM  
[www.instagram.com/luoliv.arte](http://www.instagram.com/luoliv.arte)

A história do *Instagram* é curta, porém de muito sucesso e rápido crescimento. O *Instagram* foi lançado em 2010 pelo norte-americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, ambos engenheiros de *software*. No mesmo dia do lançamento, o aplicativo tornou-se o mais baixado na *Apple Store* e, já em dezembro do mesmo ano, contava com a impressionante marca de 1 milhão de usuários. Em 2011, a empresa, que tinha apenas 6 funcionários já possuía 10 milhões de usuários na rede. Já no ano de 2012, após o tão esperado lançamento do aplicativo na versão para *Android*, o *Instagram* foi comprado pelo *Facebook*, por 1 bilhão de dólares. Atualmente, a rede social conta com mais de 500 milhões de usuários em todo o mundo, sendo que 7% das contas criadas são de brasileiros. Além dos famosos filtros originais inspirados na câmera *Polaroid*, assim como o formato, o *Instagram* apresenta uma série de recursos interessantes que contribuem para a criação da sua melhor imagem. Esses dados foram publicados na revista eletrônica *Marketing de Conteúdo* em 2016.

Para Paula Sibilia (2016), o gênero narrativo presente na *internet* é marcado por um discurso elaborado por meio de uma linguagem simples, caracterizado pelas conversas cotidianas, e é classificado como autobiográfico. Segundo a autora, tal gênero é marcado pelo “pacto de leitura” que consiste na percepção do leitor de que autor, narrador e protagonista são a mesma pessoa. Embora a internet e os meios digitais possibilitem um canal para que qualquer pessoa diga o que desejar, há no discurso presente nesse canal um esgotamento da narração. A explicação para este esgotamento está na ausência da experiência, decorrida do ritmo de vida de uma

sociedade industrial, na qual não se tem mais tempo para se refletir o mundo e a própria existência. Essa sociedade é marcada pela informação, que traz ao homem o conhecimento do fato pelo fato, sem a necessidade de explicações ou reflexões.

Cabe nesse conceito o uso da imagem como narrativa autobiográfica também, dentro dos perfis do *Instagram*. Tendo que o uso das imagens como meio de comunicação é o ponto essencial do aplicativo, partindo delas os usuários tem a possibilidade de criar narrativas do seu dia, viagens e comportamento, para mostrar o “melhor” do eu de cada um. Os filtros usados para equilibrar a luz, cor e nitidez das fotos são provas de que, o que é postado são representações do real, são manipulações da realidade para uso de critérios pessoais do que seja bonito ou aprovável, no que cabe ao interesse de cada indivíduo, seja para fins profissionais ou pessoais.

Quantas vezes me peguei nesse ciclo – vazio, exposição, *self*, preenchimento do ego, vazio, *self*. Faço parte das estatísticas de pessoas que passam parte do dia na *internet*. Sou *designer* gráfico, trabalho com mídias, imagens, estou conectada. Sou espectadora desse mundo além de usuária. Vejo centenas de imagens por dia no meu *feed*, rolo a tela do celular mais de cinco vezes por hora, sou consumidora dessa nova era. Crio identidades visuais para empresa e projetos. Exato! Ademais, crio imagens, sei o quão é importante uma boa imagem para uma boa venda, uma boa impressão. Isso para o outro. E pra mim? Sei o meu melhor ângulo que me favorece e me emagrece, que destaca meus olhos, filtros que favorecem a cor do cabelo, pele, infinidades de

eus postados no meu perfil do Instagram. E a vida do outro? Ela por vezes me parece tão mais interessante que a minha, quanta maquiagem, *glamour* e felicidade numa foto só. Vejo-me presa nessa teia, acreditando nas imagens dos perfis que sigo como verdadeiras e reais. O que significa esse fenômeno de exaltação repentina do banal, da própria vida e da vida alheia que ocorre hoje na sociedade? Para Sibilia seria a divisão existente entre a visibilidade que as mídias sociais proporcionam e a solidão vivenciada pela sociedade atual em meio ao desejo da autoconstrução.

A narrativa, a privacidade, a visibilidade, a instantaneidade, o culto à personalidade, a ficção, a solidão permitem entender a transformação da intimidade em espetáculo como uma complexa relação entre o eu, os outros e nós no interior da cibercultura. Estou longe de entender toda essa complexidade, mesmo fazendo parte dela; o meu olhar está voltado para as questões das imagens criadas de nós mesmos e dos outros.

@invenções\_do\_eu



## Eu e os processos

Um texto importante para entrar em contato com o devir e fazer arte, foi o texto da professora, psicanalista, crítica de arte e cultura, Suely Rolnik - *Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico* (1993). Nesse texto ela aborda a capacidade que o corpo tem de ser afetado pelo corpo vivo do mundo, através das nossas experiências subjetivas enquanto seres vivos integrados na cultura. Isso produz uma experiência que não tem imagem e não tem palavra, mas que pode vir a existir como outra maneira de ver e de sentir, impulsionando através de uma tensão o desejo para dar uma forma, em que a ação do desejo, é o pensamento. O pensamento tem uma ética, porque ele está a serviço da demanda da vida; ele tem uma função cultural, porque ele produz algo novo que muda o mapa cultural do presente; ele tem uma função política, porque através dessa experiência cria-se o que é necessário para que a vida individual e social volte a pulsar a capacidade de se reconectar com o saber do corpo. Entrar em contato com aquilo que te inquieta, é uma experiência que esta no nosso corpo e é real, um exercício para encontrar as palavras ou imagens que dê nome para essa experiência ou inquietação.

E assim vamos nos criando, engendrados por pontos de vista que não são nossos enquanto sujeitos, mas das marcas, daquilo em nós que se produz nas incessantes conexões que vamos fazendo. Em outras palavras, o sujeito engendra-se no devir: não é ele quem conduz, mas sim as marcas. O que o sujeito pode, é deixar-se estranhar pelas marcas que se fazem em seu corpo, é tentar criar sentido que permita sua existencialização - e quanto mais consegue fazê-lo, provavelmente maior é o grau de potência com que a vida se afirma em sua existência. (ROLNIK, 1993).

As marcas que ficam no corpo vivo para Rolnik, “são exatamente esses estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo”. Esses estados causam diferentes canais para a criação de um novo corpo, sendo assim as marcas são o início de um devir, existindo como exigência de criação, um desassossego que nos leva a produzir.

Na procura de algo que me atravessasse de fato e me motivasse a fazer um projeto em Artes e ainda ser o meu Trabalho de Conclusão de Curso, resolvi que o caminho a seguir seria algo que para mim fosse muito familiar e que pudesse ser um facilitador no processo de criação. Nas primeiras orientações com o Prof. Dr. Paulo Lima Buenoz, falei sobre a linguagem ou ferramenta que gostaria de usar, como disse, trabalho como *designer* gráfico, e a linguagem publicitária é algo com que estou acostumada a lidar no meu cotidiano de *freelancer*. Tinha a vontade de juntar Arte, *Design* e Publicidade. Parti, então, para a pesquisa de imagens publicitárias e me

deparei com as fotografias e como o corpo era explorado dentro dessas imagens. A objetificação do corpo feminino principalmente, assunto já abordado em trabalhos no campo da Arte por artistas conceituadas como a Bárbara Kruger, que também foi uma *designer* gráfico. Em seu trabalho podemos notar claramente a influência da estética do design como também da publicidade. Não era a questão do corpo feminino na publicidade que me afrontava, mas sim a imagem de um corpo perfeito, manipulado, inventado.

Desse modo, comecei a notar o quanto as fotografias publicadas nos milhares de perfis nas redes de relacionamento são influenciadas pela a grande mídia publicitária, que “empurra goela abaixo” estereótipos de corpos perfeitos e ideais. O foco nesse momento da pesquisa passou a ser as fotografias dentro dos aplicativos de relacionamento. Pois o objetivo ali é ser exposto e aprovado ao gosto do outro, uma espécie de cardápio humano. Os aplicativos de relacionamento funcionam basicamente assim: você vê o perfil de uma pessoa e decide se gostou dela ou não. Ver o perfil significa visualizar algumas fotos e decidir se essa pessoa ao seu julgamento é interessante ao ponto de querer se relacionar com ela ou não. A fotografia tem um papel crucial nesse caso, e o resultado são fotografias quase sempre estereotipadas inventando um eu baseado no que é ditado pela estética, propaganda e cultura da imagem do corpo perfeito. As questões do vazio, a privacidade, a importância da aparência, a efemeridade, a solidão, entre outras que permeiam as relações inseridas no contexto desses aplicativos também me afetavam, mas não era só nos aplicativos

de relacionamentos que as fotografias eram usadas como possibilidade de se inventar.

Chego naquele momento da pesquisa em que me deparo com questionamentos diversos e, afetada pela obra da Paula Sibilia (2016), começo a encaixar as peças do quebra-cabeça processual.

“Só se pensa porque se é forçado a fazê-lo”, diz Suely Rolnik (1993), sobre o criar que não é dado e sim fruto de uma afetação, por meio do que se cria que nascem objetos, “a capacidade de nos deixarmos estranhar pelas marcas”, em que não existem métodos, mas aprendizado.

Assim, neste tipo de trabalho com o pensamento o que vem primeiro é a capacidade de se deixar violentar pelas marcas, o que nada tem a ver com subjetivo ou individual, pois ao contrário, as marcas são os estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro. (ROLNIK, 1993)

Eu, a *internet* e as mídias, eu e o Instagram, eu e a vontade de inventar, criar a possibilidade de ser eu, você, todos nós, eus. Parto para a criação de um perfil no Instagram, @invenções\_do\_eu, no qual eu retiro a imagem e coloco descrições de possíveis fotografias, dando a possibilidade ao espectador ou no caso do aplicativo, seguidor, de criar uma imagem.

Vi-me presa nas teias das redes sociais. Hesitei algumas vezes antes de criar o perfil, revisitei as sensações pelas quais já havia passado quando criei meu perfil pessoal, medo de expor demais com a vontade de mostrar demais para ser aprovada. Estava ali de cara a cara com as reflexões da Paula que agora eram de fato minhas. Surgiu a necessidade de dar forma à obra, de expor o sensível de modo imagético.

A escolha do Instagram como ferramenta para o desenvolvimento do meu trabalho foi feita justamente por ele ser um aplicativo de rede social em que o conteúdo se dá por meio de compartilhamento de imagens e sendo que a maior parte desse conteúdo são fotografias. O nome escolhido já diz tudo, inventar um eu ou vários eus. O objetivo do perfil é ir no caminho contrário do senso comum do próprio aplicativo, sem *marketing* pessoal, sem compras de seguidores, sem espetáculo, somente produzir imagens subjetivas a partir de descrições, frases com conteúdos cotidianos, comuns ao reconhecimento do espectador acostumado a vivenciar os conteúdos das imagens postadas nos milhares de perfis dentro do aplicativo.

Quando retiro a imagem de fato no meu trabalho, fica o silêncio desconfortável aos olhos acostumados a tanta informação visual projetada nas telas dos inúmeros celulares espalhados pelo mundo, mas também a possibilidade de invenções imagéticas. Não esperava muitas reflexões por parte dos seguidores, que no caso são 108 desde a primeira postagem, no dia 29 de setembro deste ano (2017), sabia que poderia ser apenas mais uma ali no meio da multidão do ciberespaço.

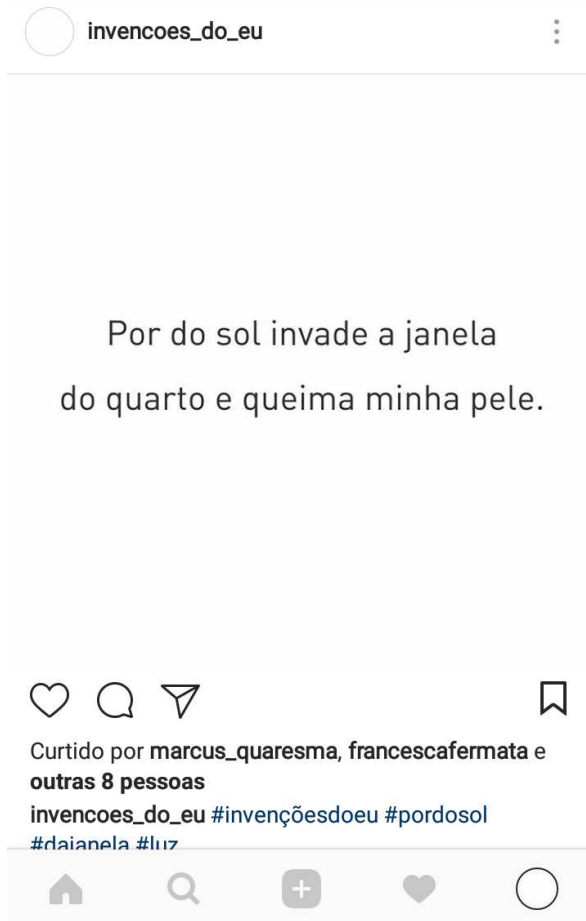


Figura 1: *print*, primeira publicação do perfil invenções do eu; *Instagram*; setembro 2017.



Figura 2: *print*, perfil conta invenções do eu; *Instagram*; novembro 2017.

As descrições são imaginárias, geralmente frases curtas e com conotações cotidianas de uma cidade urbana, em qualquer lugar, e não dou detalhes de gênero ou localizações exatas, uma vez que a intenção é deixar margem para a imaginação do outro. A possibilidade de estar e ser qualquer um, sem rótulos, sem estereótipos.

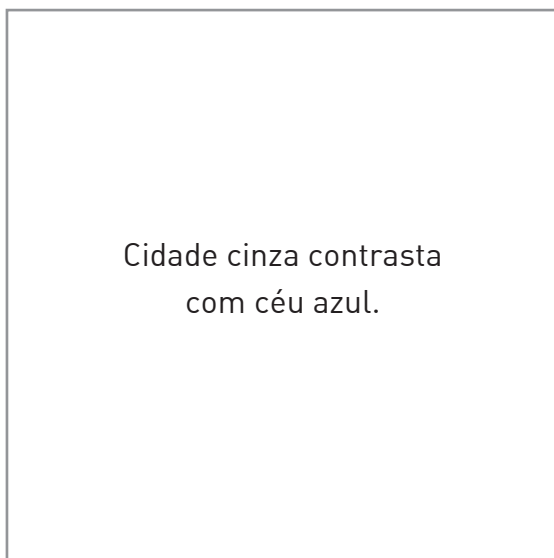


Figura 3 e 4: *print*, publicação perfil invenções do eu; *Instagram*; setembro 2017.

Do alto as ruas da cidade viram  
veias pulsando vida noturna.

Da varanda do prédio,  
conversas de maritacas  
no topo do poste, anuncia  
a chuva que não veio.

Senhoras e senhores  
sentados na varanda do  
asfalto em noite quente.

O verde escorre musgo no  
canto do muro. Pintura viva.

Figura 5. 6. 7 e 8: *print*, publicação perfil invenções do eu; *Instagram*; outubro 2017.



EU E OUTRO(A)S ARTISTAS

## Rosângela Rennó

Artista intermídia, fotógrafa, arquiteta e artista plástica, que em suas fotografias, objetos, vídeos e instalações, aborda discussões acerca da natureza da imagem. “Fotógrafa que não fotografa”, problematiza as bases da fotografia mesmo numa sociedade saturada por imagens, mas que possibilita reinventar imagetivamente. Transformar imagens em textos e textos em imagens foi uma forma que a artista usou para brincar com o princípio da fotografia, demonstrando com isso que o que ela teria de criador seria essa capacidade de nos deslocar para fora da imagem, dando lugar ao processo de imaginação. Do ponto de vista das estratégias de produção de imagens, percebemos que em suas obras ela insere um projeto visual que busca não mais representar, mas criar novas imagens, novas narrativas que permitam produzir significados dinâmicos com os objetos e o cotidiano.

Em seu trabalho *Hipocampo* (1995), a artista usa dezesseis textos do projeto *Arquivo Universal*, pintados com tinta fosforescente sobre as paredes, lâmpadas halógenas e temporizador. Esses textos são trechos de histórias publicadas em jornais populares que fazem menção a fotografia ou que as envolvem e que ao serem confiscados perdem nomes, locais e referências temporais gerando-se uma sensação de indeterminação que reconfigura o processo de produção, percepção e recepção das imagens. Rennó descontextualiza imagens, problematizando a relação imagem-observador. Ela desloca a imagem para dentro da mente do observador e com isso o provoca, convidando-o a entrar numa espécie de jogo.

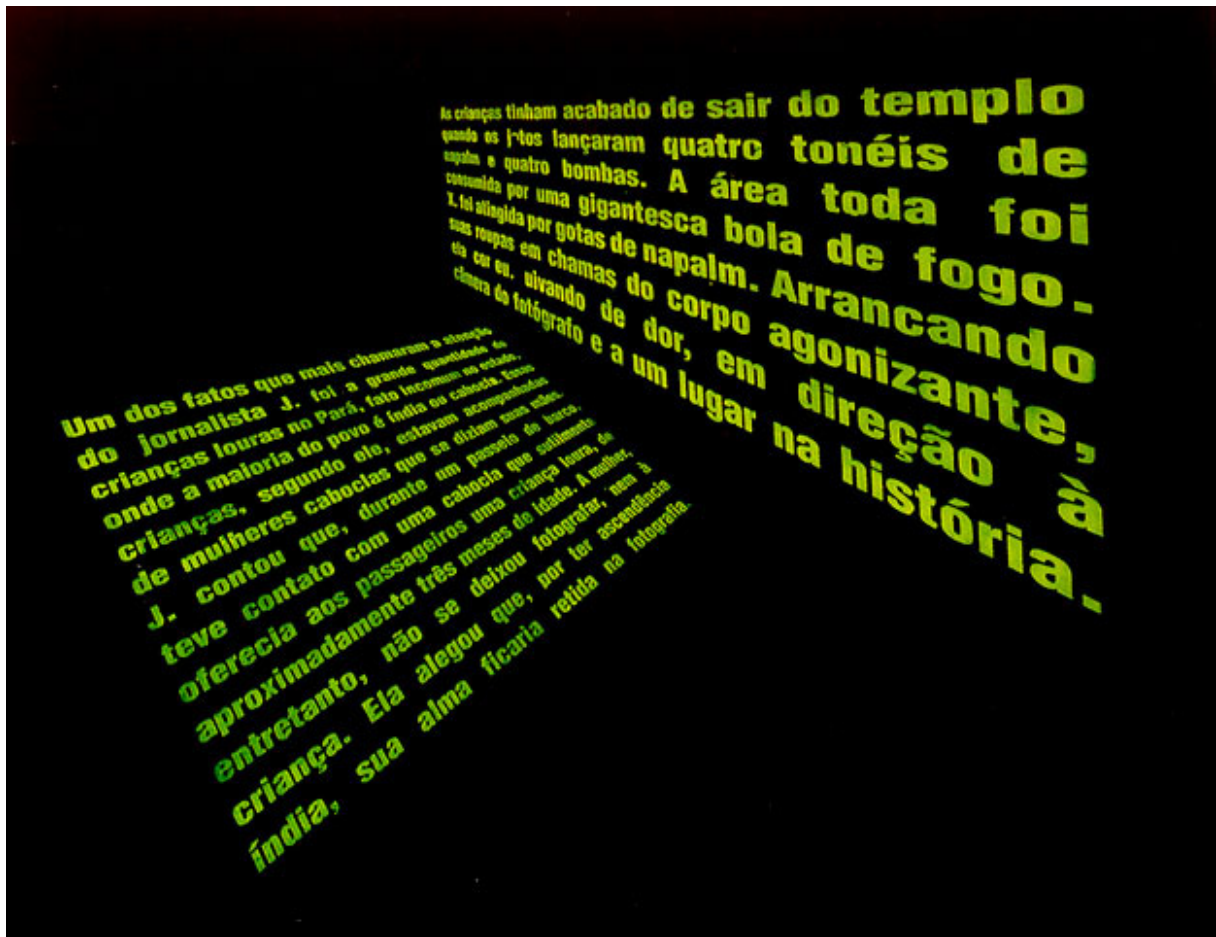


Figura 9: Hipocampo, 16 textos do projeto Arquivo Universal, pintados com tinta fosforescente sobre as paredes, lâmpadas halógenas e temporizador - Rosângela Rennó, 1995-1998.



Figura 10: Hipocampo, 16 textos do projeto Arquivo Universal, pintados com tinta fosforescente sobre as paredes, lâmpadas halógenas e temporizador - Rosângela Rennó, 1995-1998.

## Joseph Kosuth

Elaborada no ano de 1965 e exposta ao público em 1970, no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA), a obra *"Uma e três cadeiras"*, do conceitualista norte-americano Joseph Kosuth tem como característica principal a formação de um caráter artístico, exemplificado pela mistura de três diferentes elementos que dizem respeito a uma mesma essência conceitual. As formas representadas pelas dimensões imagéticas na obra de Kosuth, exploram as percepções sensoriais de seus espectadores, estimulando-os a conceber diferentes visões sobre a mesma arte apresentada.

O artista se coloca na representação da classe artística conceitual que sempre defendeu ao longo de sua carreira. Para ele e tantos outros artistas conceituais, a arte precisa se estabelecer como fonte de informação, e não como concepção, meramente, estética. Priorizar o conceito, em vez de venerar a face estética é a principal característica para a criação de sua obra.

Em termos estruturais, a obra *"Uma e três cadeiras"* se divide em três diferentes elementos: uma cadeira comum, dobrável e de madeira - ideia física, compreendida como exemplo de *ready-made*; uma fotografia da mesma cadeira, ampliada e tirada de dentro da própria galeria - forma representativa; e uma fotocópia de uma definição da palavra "cadeira", retirada de algum dicionário de língua inglesa - forma verbal, fronteira entre aquilo que nos é apresentado como real e aquilo que encaramos de maneira indireta construído em nossas mentes.



Figura 11: Uma e três cadeiras, Madeira e Fotografia em prata coloidal, 82cm x 38cm x 53cm (cadeira); 91cm x 61cm (fotografia); 61cm x 61 cm (painel com texto), Joseph Kosuth, 1965.

## Cindy Sherman

Uma fotógrafa norte-americana famosa por seus autorretratos que discutem, de diversas formas, os papéis impostos às mulheres, pela sociedade, a mídia e a arte. É considerada uma das artistas mais importantes da atualidade, tendo exposto suas obras nos principais museus do mundo. Ela trabalha regularmente em projetos de fotografia e vídeo desde os anos 70 até os dias de hoje.

Apesar de ter feito retratos de outras pessoas, Cindy percebeu desde cedo que seu principal personagem seria ela mesma, pois era quem ela mais conhecia e, assim, seria possível se transformar em diversas personas. Na série de fotografias intitulada *Fashion*, iniciada em 1983 e complementada na década de 90, ela faz paródias com a típica fotografia de moda, para, assim, criticar essa indústria e a forma como ela lida com os gêneros e comportamentos. Os temas escolhidos pela artista, além de sua forma de abordagem, são de extrema importância para pensarmos sobre o lugar que a mulher ainda ocupa nos diversos âmbitos da cultura e sociedade.





Figura 12: Série Fashion, Sem título #132, Cindy Sherman, 1984.





Figura 13: Série Fashion, Sem título #137, Cindy Sherman, 1984.

No início de agosto de 2017, Sherman abriu para o público sua conta pessoal na rede social Instagram possuindo mais de 600 fotos (dados retirados no site *Folha Digital*, 2017). As mais antigas parecem ser voltadas para o seu cotidiano e intimidade, mas a atenção é a série mais recente de *selfies* em que a artista usa maquiagem, poses e distorções digitais em fotografias criadas para a rede. Sherman usa o aplicativo para mostrar o verdadeiro vazio de identidade que marca o *selfie*, a ideia de um autorretrato construído de fora para dentro, que transita entre a atração e a repulsa, o que causa angústia no espectador ao visualizar as fotografias com os filtros exagerados.



Figura 14: *print*, perfil conta Cindy Sherman; *Instagram*; novembro 2017.



5.035 curtidas

**[\\_cindysherman\\_](#)** Am I cured doctor?

Ver todos os 150 comentários

28 DE JULHO • VER TRADUÇÃO

Figura 15: *print*, publicação Cindy Sherman; *Instagram*; 2017.



16.497 curtidas

**\_cindysherman\_** Not a big deal!

Ver todos os 234 comentários

**liberatum Beauty**

Figura 16: *print*, publicação Cindy Sherman; *Instagram*; 2017.

Dirão que CB não é o primeiro a fazer um teatro da não representação. Citarão ao acaso Artaud, Bob Wilson, Grotowski, o Living Theater... Mas nós não acreditamos na utilidade das afiliações. As alianças são mais importantes que as filiações. CB tem graus de aliança muito diferentes com estes que acabamos de citar. (DELEUZE, Sobre o teatro, 2010)

Essa citação faz parte de uma obra do Deleuze, um dos mais importantes filósofos da contemporaneidade. O livro "*Sobre o Teatro*", traz dois ensaios filosóficos sobre a arte cênica, analisando o pensamento e a obra dos importantes dramaturgos Carmelo Bene e Samuel Beckett, no qual ele interpreta esses autores e desenvolve seus próprios conceitos. No ensaio "*Um manifesto de menos*", dedicado ao ator, dramaturgo, encenador e cineasta italiano Carmelo Bene, Deleuze fala por si e por seus pares sobre o risco de incluir o ator Bene numa comparação da não representação com Artaud, Bob Wilson, Grotowski, Living Theater, entre outros, construindo um pensamento sobre alianças, e não filiações.

Se para Deleuze as alianças interessam mais do que as filiações, talvez o que importe sejam os vínculos possíveis, por meio dos quais possamos nos amparar não para reproduzir, mas para servir de processo no caminho do criar. Partindo desse conceito de aliança, faço agora algumas pontuações entre o meu trabalho e as obras do(a)s artistas citados - Rosângela Rennó, Joseph Kosuth e Cindy Sherman.



O ponto em comum entre os três artistas escolhidos para a minha pesquisa, é o fato de que todos são do meio artístico contemporâneo, que discutem as questões da imagem e o que elas representam nas relações sociais. Considerando que o meu trabalho está inserido no campo da arte contemporânea, levanto questões vivenciadas no agora, podendo ser considerado como ideia e pensamento, deixando de ser primordialmente visual, explorando novas possibilidades de construção do olhar e desenvolvendo certo gosto de inventar imagens e brincar com elas, em vez de apenas dizer com elas.

Na obra *Hipocampo* da artista Rosângela Rennó, ela retira a imagem do seu trabalho dando lugar aos textos retirados de jornais, possibilitando uma experiência imagética entre o receptor e a obra. A ausência da fotografia que ilustraria a reportagem, traz uma discursão sobre a importância da imagem na comunicação social, nas relações que criamos a partir do visual. Do mesmo modo, trago diálogos para o meu trabalho, quando retiro a imagem e deixo para o espectador a possibilidade de criar uma imagem única, e não apenas visualizar mais uma fotografia no Instagram.

Kosuth como artista conceitual acrescentou ao meu trabalho o entendimento para que trabalhasse necessidade, conceito e estética com mais clareza. Na sua obra *“Uma e três cadeiras”*, ele invoca questionamentos ao espectador, sobre o objeto concreto e a representação do objeto na fotografia e na escrita. Assim como Kosuth gera o questionamento da representação do real, em meu trabalho

exploro a possibilidade de invenções de vários eus para levantar questões sobre a representação da intimidade nas redes e nas relações que criamos com a imagem do outro. A representação de um eu manipulado, e exposto nas redes sociais através das milhares de fotografias postadas diariamente, e tida como real. A ausência da imagem representativa da intimidade de um eu, dá lugar à descrição de uma imagem que é tão inventada quanto as fotografias manipuladas por filtros e edições digitais, passando mais uma vez para o espectador a proposta de inventar o eu.

Utilizando a *internet* enquanto multimídia que reúne várias linguagens num universo digital, crio pela e para a *internet*. Como ferramenta escolhi o aplicativo Instagram para desenvolver o meu trabalho, pensando na possibilidade de subverter o uso do aplicativo como espetáculo da intimidade. Os trabalhos de auto retrato da artista Cindy Sherman, sempre tiveram uma conotação de invenções de personagens, de representação de corpos femininos inseridos nos meios da sociedade. Atualmente Sherman se apropria do Instagram para expor seus auto retratos, subvertendo os padrões de beleza, criando pela e para internet e causando no espectador, através do “exageradamente feio”, reflexões acerca da beleza e do espetáculo que a rede social proporciona.

As alianças, vínculos criados com os três artistas foram muito importantes para o desenvolvimento da minha pesquisa e do meu processo de criação, para entender como podemos usar as linguagens e ferramentas que não são do meio comum da

arte para se criar arte. Falar de imagem, sem ter imagem, usar escritos na contramão de uma sociedade contemporânea imediatistas, que não tem tempo para ler, mas apenas visualisa o que aparece e determina em um instante de segundo de curte o não, modo automático on, muitos cliques por minuto para checar todos os seguidos, até voltar ao topo e recomeçar o ciclo viciante de espiar a vida alheia e expor a intimidade para ser aceito.



EU E AS CONCLUSÕES

A escrita desse trabalho foi se dando a partir das leituras e da prática do trabalho. Escrever em primeira pessoa, me surpreendeu porque fui sendo tomada por uma outra espécie de memória, memória das marcas, que se faz em nosso corpo em estado invisível, gerando uma nova linha do tempo e devires de se fazer arte, o que em princípio se desenvolve numa prática acadêmica sob a forma de estudo, escrita, processo e criação. Para Suely Rolnik: “O pensamento é uma espécie de cartografia conceitual, cuja matéria-prima são as marcas e que funciona como universo de referência dos modos de existência que vamos criando, figuras de um devir.” (ROLNIK, , 1993).

Em meu trabalho “@invenções\_do\_eu”, eu mergulho no universo digital das redes sociais, a fim de participar como atuante da pesquisa e não apenas como observadora. As intenções e tensões do trabalho vão direto na questão da imagem publicada como espetáculo e de mídia rápida. Ao retirar a imagem e colocar uma descrição com frases, coloco o espectador na posição de ler, parar e refletir sobre a criação da imagem, em que não se há mais tempo para se refletir o mundo e a própria existência.

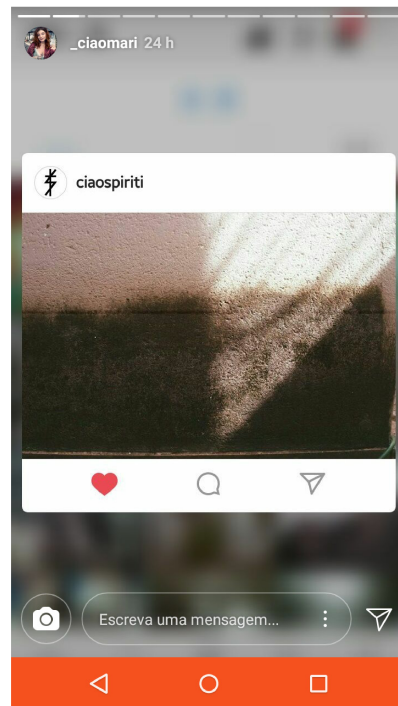
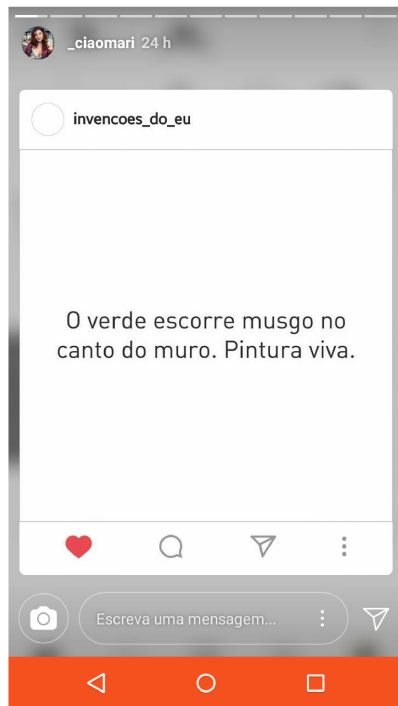
Nas postagens, além das descrições usei *hashtags* - palavras-chave (relevantes) ou termos associados a uma informação, tópico ou discussão que se deseja indexar de forma explícita no aplicativo e para dar indícios para a criação da imagem, explorei o uso que o aplicativo me oferece como ferramenta.

Como disse anteriormente, não esperava muitas reflexões e interações no perfil do `invenções_do_eu`, mas senti que as pessoas que seguiam o perfil de fato tinham parado para experienciar. Poucas curtidas, mas o suficiente para o trabalho ser visto.

A ideia, repito, era apenas, levantar questões acerca da construção social e digital de forma leve e imagética, estimulando o outro não apenas a olhar e julgar com a ponta do dedo na tela, curtindo ou descurtindo a imagem, mas fazendo com que esse outro pudesse refletir sobre a proposta da imagem inventada.

O meu trabalho depende totalmente da rede para existir, já que a internet tem como uma das principais características a interação, que no caso seria a do espectador com a obra de arte, sujeita a uma intervenção coletiva, e de modo que o usuário encontre a possibilidade de se tornar um participante ativo do projeto.

Desde as primeiras postagens quis manter em segredo a autora do perfil, no caso eu, Luana, para que as possibilidades de imaginação fossem infinita e não vinculada a uma pessoa específica. Essa atitude me surpreendeu, porque pude presenciar as reações (virtuais) dos seguidores, comentando, curtindo e até reproduzindo a imagem. Eu, como artista, e o seguidor, como receptor, estamos em espaços e tempos diferentes, e a obra circula de um extremo para o outro, contrariamente à relação clássica do observador com a obra que existe num determinado espaço-tempo criado previamente, como na parede da galeria ou do museu.



Figuras 17, 18 e 19: *print*, mensagens enviadas para o perfil no invenções\_do\_eu no modo privado; Instagram, 2017.

Na versão digital do trabalho as descrições criam uma ligação quase que direta com a fotografia, e tendem a insinuar uma autobiografia, por outro lado na galeria, a descrição serve para a construção de uma imagem além fotográfica, indo de encontro ao mais inalcançável do imaginário do receptor tendo como referência o seu eu. O resultado final da obra além *Instagram*, se dá na forma física a partir de um espaço expositivo. As paredes brancas dão espaço para as possíveis imagens através das descrições já criadas no perfil do “invenções\_do\_eu”, aplicadas sobre a parede em material vinílico na mesma cor e tipografia usada no digital. O conceito do trabalho continua o mesmo, sendo adaptado para a galeria. O que muda é o alcance do receptor, que enquanto no *Instagram* ele se expande, na galeria fica limitado aos visitantes.

A obra pode ser considerada como inacabada, pois a *internet* possibilita a continuidade a partir de reproduções e compartilhamentos. Uma vez postado na rede, o conteúdo pode estar sujeito a mutações infinitas. Não pretendo desativar o perfil do “invenções” após a apresentação, pois vejo inúmeras possibilidades de temas ainda a serem abordados a partir do Instagram.

Esse trabalho foi muito prazeroso e de extrema importância para a minha formação, não só acadêmica mas como atuante de um mundo tão vivo e atual que produz para e nas redes. colocar-me na posição de dentro da pesquisa, ou seja fazer parte dela, é quase uma “autopesquisa”, uma vez que possibilita a reflexão sobre o comportamento que vem de fora para dentro das redes. Os questionamentos e reflexões vão para além do digital; na vida sigo a experiência de inventar os eus, você e todos nós.

POSTAGENS DO PERFIL  
@invenções\_do\_eu

Todas os prints foram tirados à partir da tela do celular.



Por do sol invade a janela  
do quarto e queima minha pele.

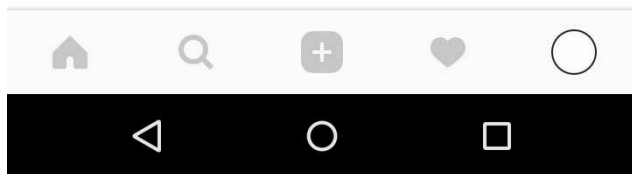


Curtido por **marcus\_quaresma**, francescafermata e  
**outras 8 pessoas**

**invencoes\_do\_eu** #invençõesdoeu #pordosol  
#dajanela #luz

**marcus\_quaresma** Também, com essa pele branca

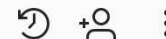
29 DE SETEMBRO • VER TRADUÇÃO



*Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu;  
Instagram; 29 set. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017*



invencoes\_do\_eu ▾



A varanda no balanço da rede.

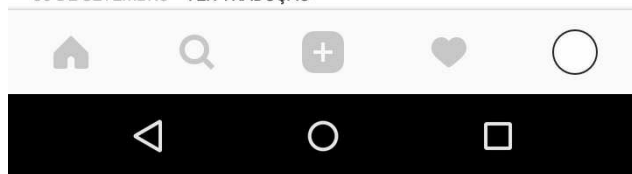


Curtido por **marcus\_quaresma**, francescafermata e  
**outras 9 pessoas**

**invencoes\_do\_eu** #invençõesdoeu #sábado  
#descanso #vidaboa #varandasuspensa

**marcus\_quaresma** Essa rede é linda, tanta histórias

30 DE SETEMBRO • VER TRADUÇÃO



*Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu;  
Instagram; 30 set. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017*



Na esquina a menina dava pulos  
de alegria entre luzes e cores.



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu;  
Instagram; 01 out. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



Almoço saudável do dia.



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu;  
Instagram; 02 out. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017





Cidade cinza contrasta  
com céu azul.



Curtido por **marcus\_quaresma**, **sua.ve.mente** e outras  
**12 pessoas**

**invencoes\_do\_eu** #invençõesdoeu #céu  
#maisumdia #semfiltro #cidade #selvadepedra

**marcus\_quaresma** Puts

2 DE OUTUBRO • VER TRADUÇÃO



Gato sobre muro.



Curtido por **marcus\_quaresma**, **sua.ve.mente** e outras  
**7 pessoas**

**invencoes\_do\_eu** #invençõesdoeu #rua #cat  
#gatofofo #caminhos #cidade

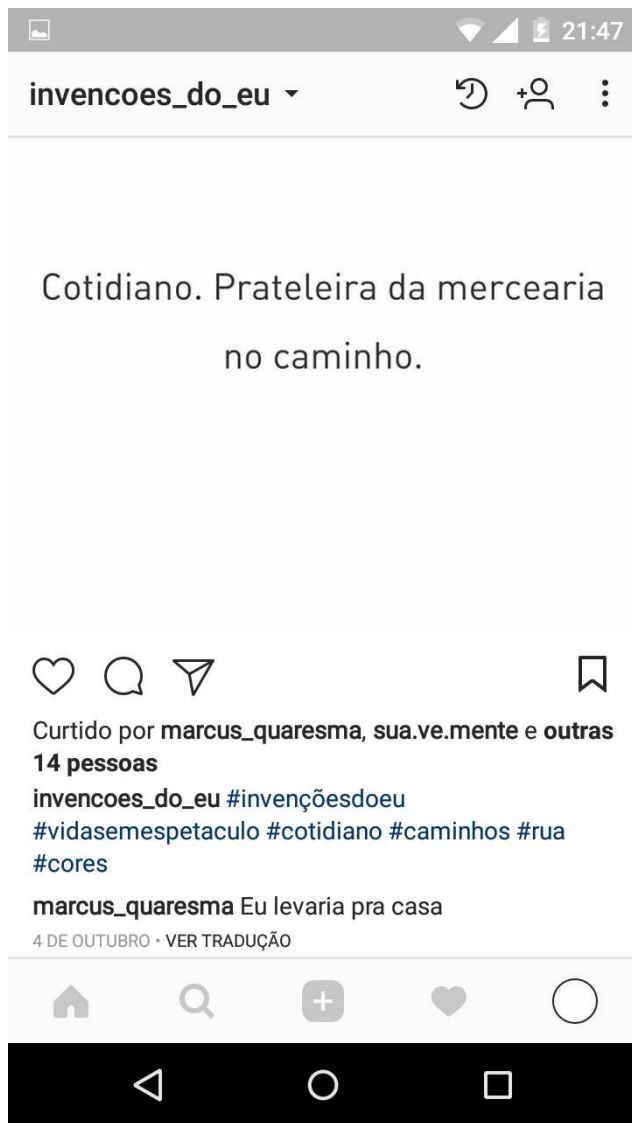
**marcus\_quaresma** Parece a Nega

3 DE OUTUBRO • VER TRADUÇÃO



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu;  
Instagram; 02 out. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017

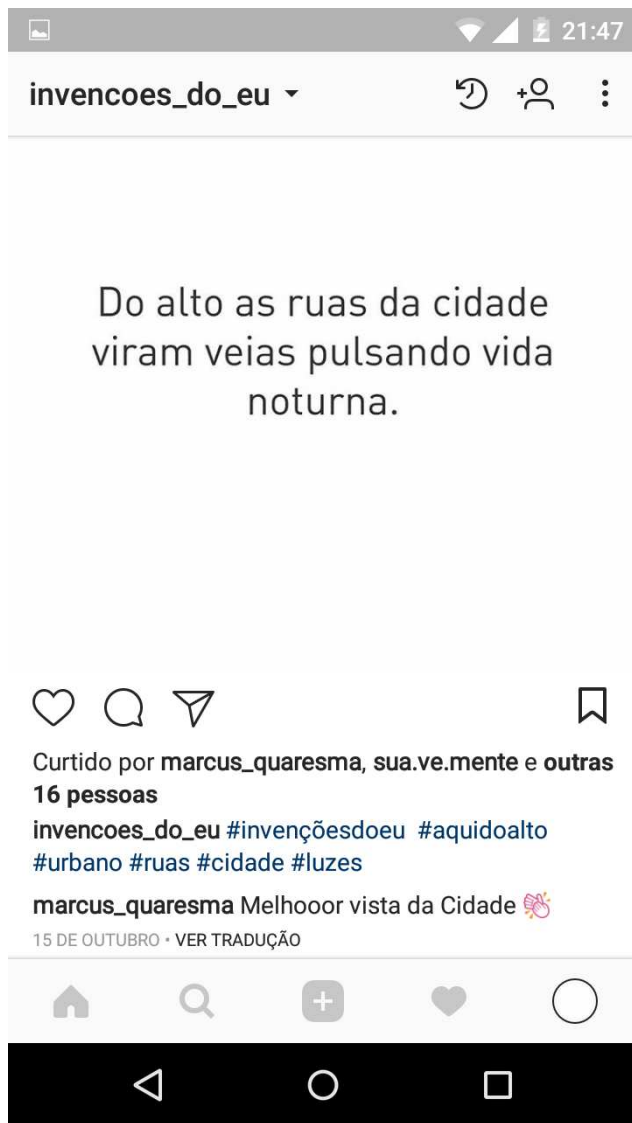
Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu;  
Instagram; 03 out. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



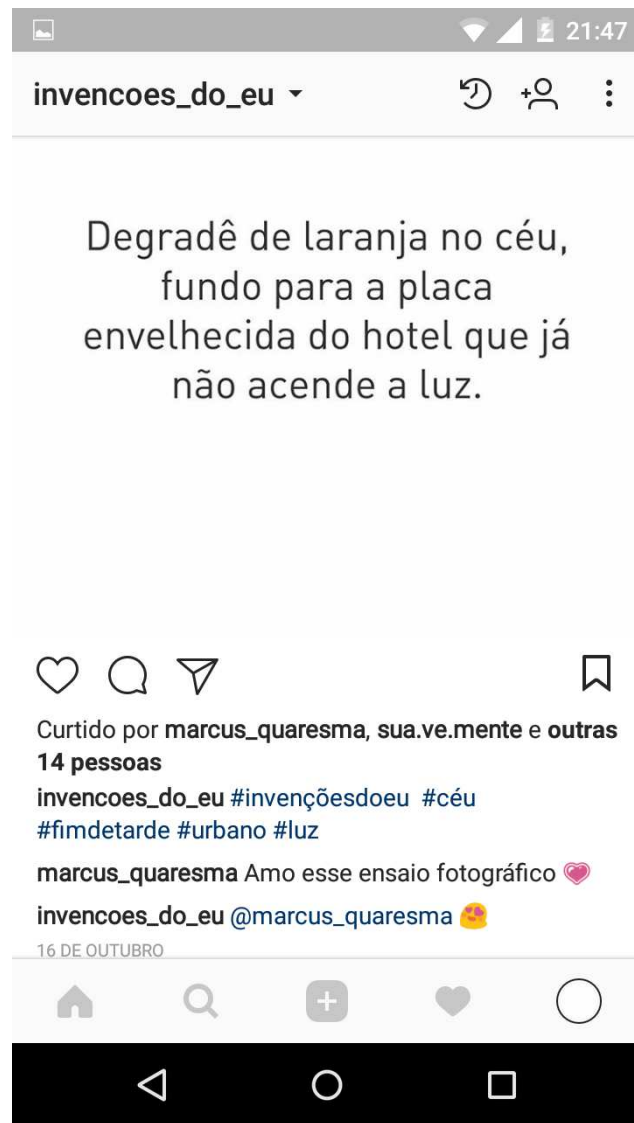
Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu; Instagram; 04 out. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu; Instagram; 14 out. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu; Instagram; 15 out. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu; Instagram; 16 out. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



Senhoras e senhores  
sentados na varanda do  
asfalto em noite quente.



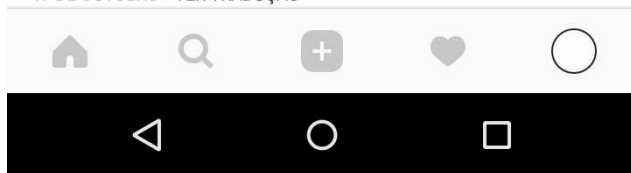
Curtido por **marcus\_quaresma**, **sua.ve.mente** e **outras 14 pessoas**

**invencoes\_do\_eu** #invençõesdoeu #verão  
#cotidiano #rua #caminhos

**marcus\_quaresma** Que fofos! Onde é?

**invencoes\_do\_eu** @marcus\_quaresma em uma rua  
estreita pelo caminho de casa.

17 DE OUTUBRO · VER TRADUÇÃO



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu;  
Instagram; 17 out. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



De frente para o mar. Há  
vida no infinito.

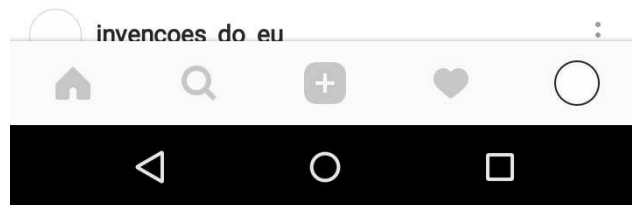


Curtido por **marcus\_quaresma**, **sua.ve.mente** e **outras 17 pessoas**

**invencoes\_do\_eu** #invençõesdoeu #praia #mar  
#horizonte #semfiltro #vibracoespositivas

**marcus\_quaresma** Melhor praia, melhor pessoa,  
melhor dia 🦀🌊🌊

18 DE OUTUBRO · VER TRADUÇÃO



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu;  
Instagram; 18 out. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



Lá vem o garoto com o seu boné e seu chinelo em mais um dia de vendas tropicais.



Curtido por **marcus\_quaresma**, **sua.ve.mente** e outras **14 pessoas**

**invencoes\_do\_eu** #invençõesdoeu #verão #cotidiano #urbano #tropical

**marcus\_quaresma** Ele sempre fica nessa rua aí

19 DE OUTUBRO · VER TRADUÇÃO



**invencoes\_do\_eu**



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu; Instagram; 19 out. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



**invencoes\_do\_eu**



Da varanda do prédio, conversas de maritacas no topo do poste anuncia a chuva que não veio.



Curtido por **marcus\_quaresma**, **sua.ve.mente** e outras **13 pessoas**

**invencoes\_do\_eu** #invençõesdoeu #sonsurbanos #davaranda #passarim #paisagemurbana

**marcus\_quaresma** Elas me abordaram hoje

20 DE OUTUBRO · VER TRADUÇÃO



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu; Instagram; 20 out. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



Mesa cheia. Copos, bebidas,  
petisco, cinzeiro e uma  
composição cromática.

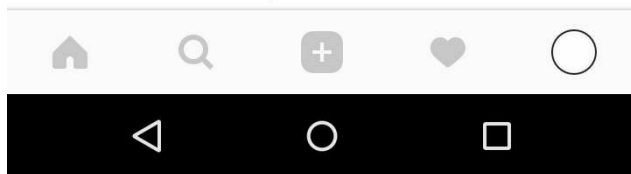


Curtido por **importantissimo**, **marcus\_quaresma** e  
**outras 15 pessoas**

**invencoes\_do\_eu** #invençõesdoeu #domingo  
#almoço #color #composição

**marcus\_quaresma** Que noite de amor 🍷

22 DE OUTUBRO • VER TRADUÇÃO



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu;  
Instagram; 22 out. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



Parede pintada. Cenário para  
self.

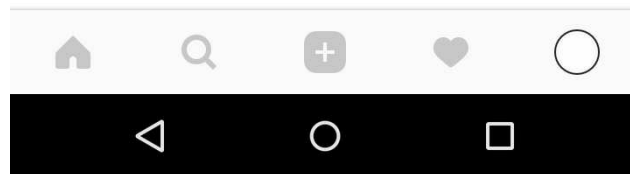


Curtido por **marcus\_quaresma**, **sua.ve.mente** e **outras**  
**11 pessoas**

**invencoes\_do\_eu** #invençõesdoeu #self #yellow  
#face #luz

**marcus\_quaresma** Harazou

24 DE OUTUBRO • VER TRADUÇÃO



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu;  
Instagram; 24 out. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



A escadaria se torna cascata  
em dias de chuva.

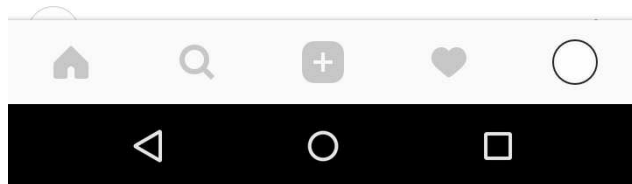


Curtido por **marcus\_quaresma, sua.ve.mente** e outras  
**13 pessoas**

**invencoes\_do\_eu** #invençõesdoeu #diacinz  
#urbano #chuva

**marcus\_quaresma** Que chuva en

26 DE OUTUBRO · VER TRADUÇÃO



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu;  
Instagram; 26 out. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



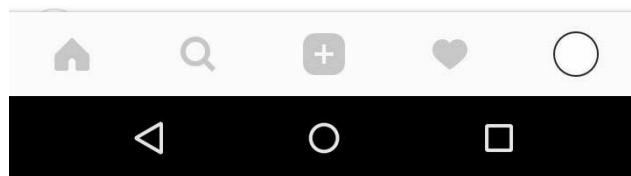
Pessoas reunidas envolta de  
uma mesa brindando a vida.  
Meus amigos.



Curtido por **sua.ve.mente, cupendipe** e outras **12**  
**pessoas**

**invencoes\_do\_eu** #invençõesdoeu #amigos  
#celebrar #vivaavida

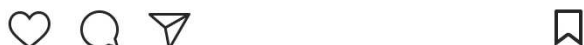
28 DE OUTUBRO · VER TRADUÇÃO



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu;  
Instagram; 28 out. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



Eu, gata e pote de sorvete  
sendo engolidos pelo sofá,  
enquanto o feriado passa.



Curtido por **marcus\_quaresma, cupendipe** e outras  
**19 pessoas**

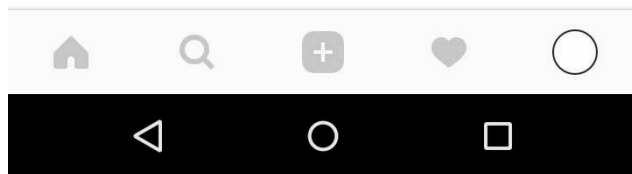
**invencoes\_do\_eu** #invençõesdoeu #folga #diacinha  
#sofá #boacia

Ver todos os 5 comentários

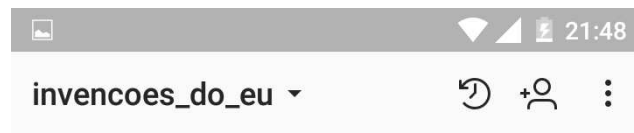
**marcus\_quaresma** Quero!

**rex.lima** Mais que sorvete 🍦🍦🍦

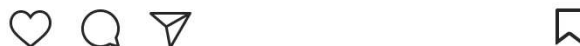
29 DE OUTUBRO · VER TRADUÇÃO



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu;  
Instagram; 29 out. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



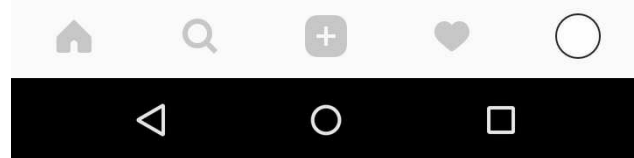
Nos pés, ladrilhos colorem o  
segundo plano.



Curtido por **cupendipe, francescafermata** e outras  
**9 pessoas**

**invencoes\_do\_eu** #invençõesdoeu #pés #cotidiano  
#ladrilhos

1 DE NOVEMBRO · VER TRADUÇÃO



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu;  
Instagram; 01 nov. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017





No vestido dela as flores  
parecem pousar com leveza.



Curtido por **cupendipe, aryanedarte** e outras **6 pessoas**

**invencoes\_do\_eu** #invençõesdoeu #vejoflores #ela

Ver 1 comentário

2 DE NOVEMBRO · VER TRADUÇÃO



**invencoes\_do\_eu**



**invencoes\_do\_eu**



Pelos, pelos pretos o rabo  
denuncia a alegria.



Curtido por **marcus\_quaresma, aryanedarte** e outras **8 pessoas**

**invencoes\_do\_eu** #invençõesdoeu #dogfeliz #rua  
#caradecão

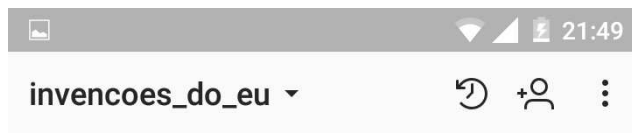
**marcus\_quaresma** O rabo sempre denuncia 🙄

9 DE NOVEMBRO · VER TRADUÇÃO



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu;  
Instagram; 02 nov. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017

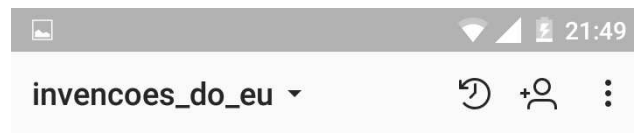
Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu;  
Instagram; 09 nov. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



Self em posição horizontal.



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu; Instagram; 09 nov. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



A mistura entre o sol e a janela da sala, um arco-íris impresso na pele.



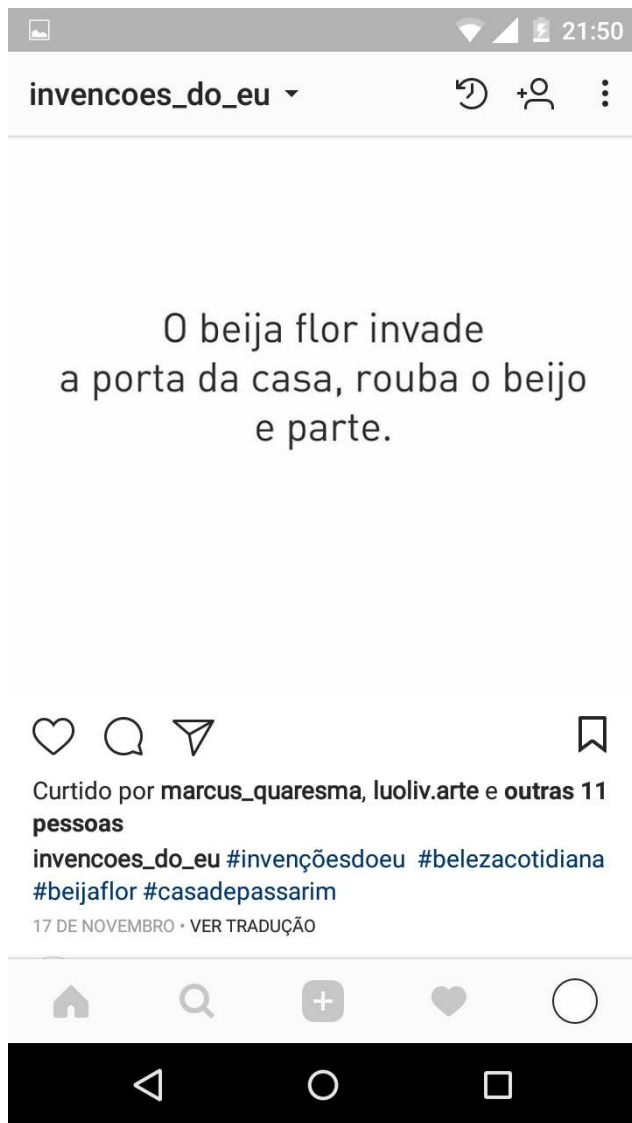
Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu; Instagram; 10 nov. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu; Instagram; 11 nov. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



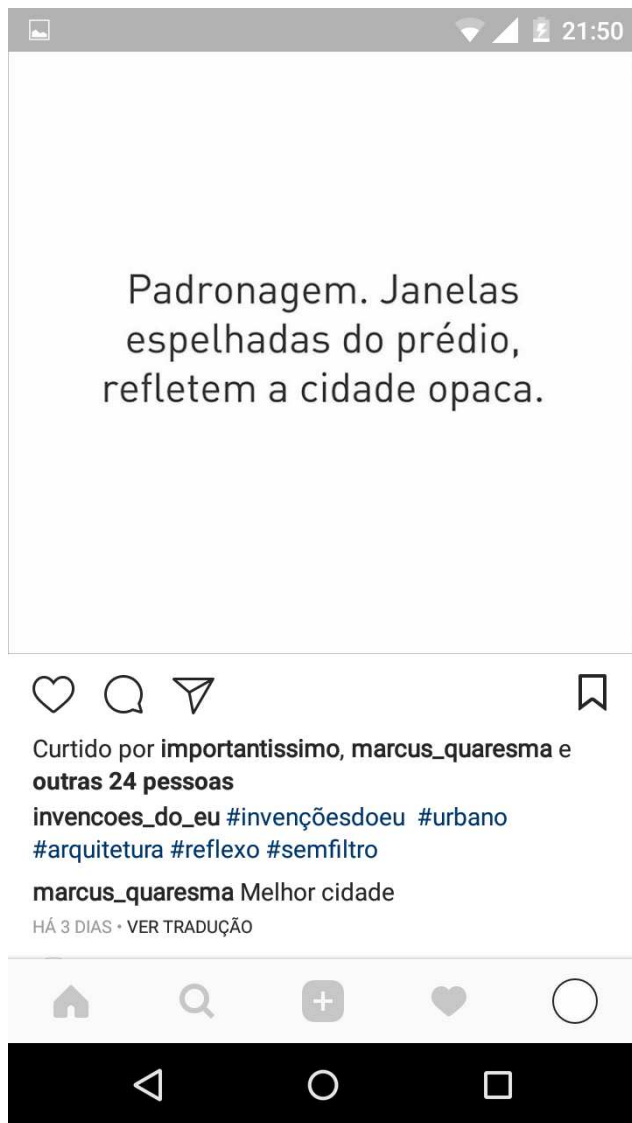
Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu; Instagram; 16 nov. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



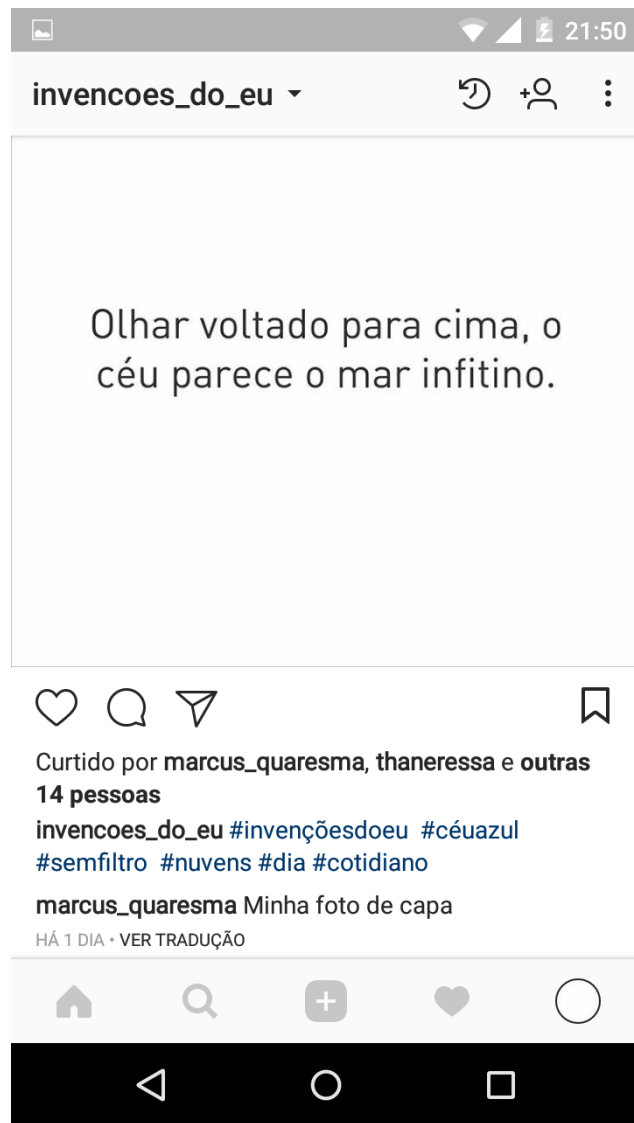
Print, publicação no perfil do [invenções\\_do\\_eu](#);  
*Instagram*; 17 nov. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



Print, publicação no perfil do [invenções\\_do\\_eu](#);  
*Instagram*; 19 nov. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu; Instagram; 21 nov. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu; Instagram; 23 nov. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



Print, publicação no perfil do invenções\_do\_eu; Instagram; 24 nov. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017



Print, perfil do invenções\_do\_eu; Instagram; 24 nov. 2017. Acesso em: 24 nov. 2017

# Glossário

<b>Android</b>	Sistema operacional atualmente desenvolvido pela empresa de tecnologia Google. Com uma interface de usuário baseada na manipulação direta, o Android é projetado principalmente para dispositivos móveis com tela sensível ao toque para que o usuário possa manipular objetos virtuais.
<b>Aplicativo</b>	Conhecido normalmente por seu nome abreviado “app”, é um software desenvolvido para ser instalado em um dispositivo eletrônico móvel. Esse aplicativo pode ser instalado no dispositivo pelo usuário através de lojas on-line, tais como App Store ou Windows Phone Store, com o propósito de facilitar o dia-a-dia ao seu utilizador, fornecendo-lhe as mais diversas funcionalidades com infinitas possibilidades.
<b>Apple Store</b>	É um serviço de loja on line que permite aos usuários navegar e fazer download de aplicativos. Dependendo da aplicação, ela pode ser grátis ou paga. As aplicações podem ser baixadas diretamente no dispositivo, ou baixados para um computador.

Ciberespaço	É um espaço existente no mundo de comunicação em que não é necessária a presença física do homem para constituir a comunicação como fonte de relacionamento, dando ênfase ao ato da imaginação, necessária para a criação de uma imagem anônima, que terá comunhão com os demais. É o espaço virtual para a comunicação que surge da interconexão das redes de dispositivos digitais interligados no planeta,
Digital	A palavra digital tem origem no latim <i>digitus</i> (palavra latina para dedo), uma vez que os dedos eram usados para contagem discreta. O seu uso é mais comum em computação e eletrônica, sobretudo onde a informação real é convertida na forma numérica binária como no som digital ou na fotografia digital.
Facebook	Rede social com aproximadamente um bilhão de usuários ativos, sendo por isso a maior rede social em todo o mundo, possui várias ferramentas, como o mural, que é um espaço na página de perfil do usuário que permite aos amigos postar mensagens. Ele é visível para qualquer pessoa com permissão para ver o perfil completo. O Facebook permite que qualquer usuário que declare ter pelo menos 13 anos possa se tornar usuário registrado do site.



Google	Empresa multinacional de serviços online e software dos Estados Unidos. O Google hospeda e desenvolve uma série de serviços e produtos baseados na internet e gera lucro principalmente através da publicidade.
Instagram	Rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes.
Internet	Sistema global de redes de computadores interligadas que utilizam um conjunto próprio de protocolos com o propósito de servir progressivamente usuários no mundo inteiro. É uma rede de várias outras redes, que consiste de milhões de empresas privadas, públicas, acadêmicas e de governo, com alcance local e global e que está ligada por uma ampla variedade de tecnologias de rede eletrônica, sem fio e ópticas. A internet traz uma extensa gama de recursos de informação e serviços, tais como os documentos inter-relacionados de hipertextos, redes ponto-a-ponto e infraestrutura de apoio a correio eletrônico e-mails.
Match	Expressão que vem do aplicativo de encontros Tinder. Quando alguém dar match em vc é porque vc e essa pessoa curtiram e

aprovaram a foto um do outro, assim dando match. A partir daí o aplicativo abre um chat onde as duas pessoas podem conversar para marcar um encontro.

Orkut	Foi uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014. No Brasil a rede social teve mais de 30 milhões de usuários, mas foi ultrapassada pelo líder mundial, o Facebook..
Rede Social	Estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que compartilham valores e objetivos comuns. Uma das fundamentais características na definição das redes é a sua abertura, possibilitando relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre os participantes.
Selfie	Fotografia, geralmente digital, que uma pessoa tira de si mesma, autorretrato. As selfies que envolvem várias pessoas fotografadas são conhecidos como "selfies em (ou de) grupo". A palavra vem da adição ao substantivo self (em inglês "eu", "a própria pessoa") do sufixo -ie ("-inho(a)"), resultando "euzinho(a)".

## Snapchat

Aplicativo de mensagens com base de imagens, criado e desenvolvido por Evan Spiegel, Bobby Murphy e Reggie Brown, estudantes da Universidade Stanford. Com o aplicativo, usuários podem tirar fotos, gravar vídeos, adicionar textos e desenhos à imagem e escolher o tempo que a imagem ficará no visor do amigo de sua lista. O tempo de cada snap é de 1 a 10 segundos, e após aberto, a imagem ou vídeo somente poderá ser vista pelo tempo escolhido pelo remetente. A imagem é excluída do dispositivo e também dos servidores. Também é possível adicionar filtros nas fotos, salvar as fotos tiradas.

## Software

Sequência de instruções a serem seguidas e/ou executadas, na manipulação, redirecionamento ou modificação de um dado/informação ou acontecimento. "Software" também é o nome dado ao comportamento exibido por essa sequência de instruções quando executada em um computador ou máquina semelhante além de um produto desenvolvido pela engenharia de software, e inclui não só o programa de computador propriamente dito, mas também manuais e especificações.

## Tinder

Aplicativo de localização de pessoas para encontros românticos online cruzando informações do Facebook e do Spotify, localizando as pessoas geograficamente próximas. Sua interface é constituída de uma sucessão de perfis de outras pessoas. O usuário então desliza o dedo sobre a tela para direita (arrastando o perfil de uma pessoa) se estiver interessado, ou para esquerda, se não estiver interessado. Isso é feito de forma anônima. Pode-se também ver mais fotos e informações, se existirem, de cada pessoa registrada. Quando dois usuários estão mutuamente interessados um pelo outro, eles são informados e podem começar uma conversa.

## Twitter

Rede social e um servidor que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 280 caracteres, conhecidos como “tweets”), por meio do website do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento. As atualizações são exibidas no perfil de um usuário em tempo real e também enviadas a outros usuários seguidores que tenham assinado para recebê-las.

## Virtual

A utilização da palavra virtual associada à simulação em computador no O Dicionário de Etimologia Online informa que o

sentido vem de “fisicamente não existente, mas simulado por software”. Por extensão, da definição filosófica original, o termo virtual passou a significar “modelagem com o auxílio do computador”, onde os modelos computacionais assumem a equivalência do mundo físico ou o extrapolam.

### Wikipédia

A Wikipédia é um projeto de enciclopédia multilíngue de licença livre, baseado na web e escrito de maneira colaborativa; encontra-se, atualmente, sob administração da Fundação Wikimedia, uma organização sem fins lucrativos cuja missão é “empoderar e engajar pessoas pelo mundo para coletar e desenvolver conteúdo educacional sob uma licença livre ou no domínio público, e para disseminá-lo efetivamente e globalmente”.

### Youtube

Site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet. O termo vem do Inglês “you” que significa “você” e “tube” que significa “tubo” ou “canal”, mas é usado na gíria para designar “televisão”. Portanto, o significado do termo “youtube” poderia ser “você transmite” ou “canal feito por você”.

Todo conteúdo deste glossário foi retirado da enciclopédia virtual Wikipédia. Disponível em: <<https://wikipédia.com>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

## EU E AS LEITURAS

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro**: um manifesto de menos; O esgotado/Gilles Deleuze. Trad. Fátima Saadi, Ovídio Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 27-40p.

ROLNIK, Suely. Pensamento corpo e devir – uma perspectiva ético/ estético/ política no trabalho acadêmico. **Cadernos de subjetividade**. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-251 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2017.

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu**. A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

### LINKS:

AGUIAR, Adriana. A história do Instagram. **Marketing de Conteúdo**, 12 set. 2016. Disponível em: <<https://marketingdeconteudo.com/instagram/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

BARROS, José D' Assunção. Arte e conceito em Joseph Kosuth. **Revista Digital Art&**, Ano VI, n. 10, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/site-numero-10/trabalhos/32.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

CINDYSHERMAN.COM. Disponível em: <<http://www.cindysherman.com>>. Acesso em: 12 de nov. 2017. [Site autobiográfico da artista]

FÁBIO, André Cabette. Cindy Sherman abre seu Instagram. Qual é o lugar dessa rede social na arte. **Nexo Jornal**, 11 ago. 2017. Expresso. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/08/11/Cindy-Sherman-abre-seu-Instagram.-Qual-%C3%A9-o-lugar-dessa-rede-social-na-arte>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

FURLANETO, Audrey. Para Joseph Kosuth, maior artista conceitual vivo, 'arte não é sobre beleza'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 ago. 2013. Cultura. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/para-joseph-kosuth-maior-artista-conceitual-vivo-arte-nao-sobre-beleza-9320102>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento; DEL NEGRI, Tainá; TAVARES, Carlos Romário. **Rosângela Rennó e as fotografias 'sem imagem' de Arquivo Universal**. Rio de Janeiro: 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/123021660083662342150655312183492388051.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

INSTAGRAM. Disponível em: <<https://www.instagram.com>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

INSTAGRAM, Cindy Sherman. Disponível em: <[https://www.instagram.com/\\_cindysherman\\_](https://www.instagram.com/_cindysherman_)>. Acesso em: 24 nov. 2017.

MARTÍ, Silas. Cindy Sherman constrói pesadelos em selfies grotescos no Instagram. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 ago. 2017. Ilustrada. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/08/1908381-cindy-sherman-constroiu-pesadelos-em-selfies.shtml>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

QUERINO, Rubens Estevão Costa de Moraes; FERREIRA, Marta Araujo Tavares. Arte e informação: o papel das redes de informação na comercialização, divulgação e realização da arte contemporânea. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 20, n.3, p. 116-136, jul./set. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v20n3/1413-9936-pci-20-03-00116.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

ROSANGELARENNO.COM. Disponível em: <<https://www.rosangelarenno.com.br>>. Acesso em: 16 nov. 2017. [Site autobiográfico da artista]